



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após reunião de trabalho com o Presidente dos EUA, George Bush

Casa Branca, Washington – DC, EUA, 20 de junho de 2003

Presidente: Eu acredito que o momento importante da reunião foi quando discutimos a necessidade de garantir a paz no mundo. E para garantir a paz é preciso que se pense no desenvolvimento das regiões mais empobrecidas.

Eu explicava ao Presidente Bush que o Brasil pode e deve ter um papel importante na América do Sul, mas não se consegue ter um papel importante apenas com palavras. É preciso que recuperemos o tempo perdido na América do Sul e comecemos a pensar em um modelo de desenvolvimento que leve em conta a integração física da América do Sul.

Na discussão da ALCA, acho que estamos estabelecendo um momento importante, ou seja, em uma discussão bilateral entre países não podem prevalecer os interesses econômicos de nenhuma corporação ou de nenhum setor econômico. É preciso que prevaleçam os interesses das duas nações.

Estou convencido de que temos condições de quebrar todas as barreiras que existem. Primeiro, se tivermos paciência e, segundo, se tivermos perseverança. O grande problema é que os políticos se encontram e discutem pouco e, muitas vezes, o pouco fica sendo discutido apenas do ponto de vista técnico, o que tem uma grande importância, mas é preciso que haja a decisão política de que queremos que tal coisa aconteça.

Acho que essa reunião pode estabelecer um novo marco na relação Brasil x Estados Unidos. Todos temos consciência da gravidade da economia mundial, todos temos consciência do crescimento da pobreza em muitos países do mundo, e todos temos consciência de que a melhor forma de se garantir a manutenção da democracia é a paz no mundo é dar às pessoas oportunidades e condições de viver dignamente.



Acredito que estamos vivendo um outro momento. Eu já senti isso quando vim aqui, no dia 10 de dezembro. Eu senti isso na minha visita a Evian, a convite do G-8. Tenho sentido isso nas reuniões que tenho feito com todos os presidentes da América do Sul e em outros momentos, como no encontro que tive com o Primeiro-Ministro da Índia, com o Presidente da China, com o Presidente da Rússia. E sinto isso quando me encontro com o Presidente Bush, quando me encontro com Chirac, com Schroeder, com Tony Blair.

As pessoas estão se dando conta de que é preciso repartir com mais equidade o bolo que a Humanidade tem construído. Se quisermos, efetivamente, paz e democracia, temos que distribuir melhor o bolo que o ser humano produz.

Jornalista: Eu queria que o senhor esclarecesse, Presidente, se o senhor concorda com o ministro Furlan, que diz que confia que até o fim do Governo os juros vão baixar para um dígito no Brasil ou se há um próximo mandato em vista, oito anos, se os juros vão baixar para um dígito.

E, com relação ao acontecido com a família do senhor, um evento que acabou provocando a morte de um segurança do seu filho, o senhor pensa que precisa haver uma revisão para as questões de segurança, da sua segurança pessoal, da sua família ou precisa haver uma revisão de como o Brasil está tratando a segurança do cidadão?

Presidente: Estou convencido de que o problema não é tratar da minha segurança pessoal, da segurança da minha família. Acho que o problema é cuidar da segurança de homens e mulheres do Brasil, uma situação que está muito difícil. E nós estamos, desde que tomei posse, colocando em prática um programa de segurança pública que foi o mais debatido da história do nosso país. O ministro Márcio Thomaz Bastos tem consciência de que precisamos ter uma intervenção cada vez mais profissional, cada vez mais inteligente, até porque, em muitos momentos, a polícia brasileira não foi preparada para



enfrentar o crime organizado, como temos hoje no Brasil.

Essa é uma questão nacional, em que vamos ter que levar em conta o envolvimento dos estados e das cidades, para que a gente possa diminuir a violência em nosso país.

E quero aproveitar e dizer que é com muita tristeza que a gente recebe a notícia da morte do subtenente. Eu quero aproveitar para dar os pêsames à sua família. Não é possível que a gente não tenha tranquilidade, às 8 horas da noite, em alguns lugares do mundo e do Brasil.

Com relação à declaração do meu companheiro Furlan, eu, sinceramente, não sei por que a imprensa deu tanto destaque. Todos nós queremos que os juros – se quisermos juros reais, descontada a inflação – sejam de um dígito. O que é anormal é o juro real estar com dois dígitos. Isso é anormal. O juro ser de um dígito passa a ser uma coisa normal, porque, se você prevê uma inflação de 7%, 7,5%, os juros não podem ser de 30%, não podem ser de 40%, não podem ser de 80%, como são no mercado financeiro.

Obviamente, isso é uma expectativa, é um sonho que eu tenho, o Palocci deseja e trabalha para isso, o Furlan deseja e acredito que todos os brasileiros desejem. Nós estamos trabalhando para isso. A busca é incessante, no sentido de fazer com que a grande motivação do nosso país seja o investimento no setor produtivo e não na especulação financeira.

Este é um trabalho que nós vamos fazer. Neste mês, vamos lançar, em Brasília, já na próxima semana, e também no dia 4 de julho, as cooperativas de crédito, crédito para o microprodutor agrícola e para o micro e pequeno empresário. Nós vamos trabalhar com os poucos recursos que temos, fazendo com que cheguem às mãos tanto do consumidor quanto do micro e pequeno empresário, a juros mais baratos do que os que o mercado oferece hoje.

Jornalista: O senhor fala da paz no mundo. Eu acredito que o senhor é o primeiro presidente que teve essa posição sobre a guerra. E queria saber como o senhor se sentiu ao receber o Prêmio Príncipe das Astúrias de Cooperação



Internacional 2003, na Espanha.

Presidente: Olhe, primeiro, é importante ter clareza que na relação entre dois países sempre haverá temas que são motivo de discordâncias. E nós precisamos ter inteligência e competência para fazer com que a gente discuta as coisas onde concordamos. Eu não vim aqui para discutir o Iraque. Eu vim aqui para discutir a relação Brasil e Estados Unidos, Brasil/Mercosul, Estados Unidos/América do Sul, Brasil/América do Sul. Nós viemos aqui não para uma reunião de presidentes, mas para uma reunião de Governo, porque eu trouxe dez ministros comigo. Eu trouxe a ministra do Meio Ambiente, a companheira Marina; o companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura; o Jaques Wagner, ministro do Trabalho; o José Dirceu, ministro da Casa Civil; o Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores; o Palocci, ministro da Fazenda; Humberto Costa, ministro da Saúde; o Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; a companheira Dilma Rousseff, de Minas e Energia; e o Roberto Amaral, de Ciência e Tecnologia.

Ou seja, nós viemos aqui para uma reunião de trabalho, realmente. O Brasil tem e teve a sua posição em relação ao Iraque, os Estados Unidos tiveram a deles, cada um respeita a posição do outro e a democracia permanece em nossas relações. É preciso aprimorar. As relações entre dois países precisam ser, sobretudo, de confiança, não podem ser relações em que um governante não acredite no outro. Para que as coisas funcionem bem é preciso que você acredite em seu interlocutor e que ele acredite em você. E nós estamos estabelecendo isso não apenas com os Estados Unidos.

Agora, na reunião de Evian, eu tive contato com todos os chefes de Estado. Já tive reuniões com os presidentes da América do Sul. Já tive reuniões com vários presidentes do Caribe, com o Presidente do México. No próximo mês, estarei viajando para cinco países africanos. Depois, estarei viajando para a Inglaterra, Espanha e Portugal. Em dezembro, estaremos viajando para vários países árabes, porque nós achamos que o Brasil tem um



espaço enorme a ser ocupado no mundo, e nós não temos o direito de ficar esperando que as pessoas nos procurem. Nós é que queremos estabelecer relações, nós é que temos que ter a ousadia de quem quer fazer negócios, de quem quer ter relações políticas, de quem quer ter relações culturais.

Com relação ao prêmio, vejam, eu, obviamente, fico lisonjeado, porque eu não esperava, nunca pleiteei. E, de repente, ganhar um prêmio significa uma coisa boa. Eu nem sei quanto simboliza este prêmio, eu não sei quanto de dinheiro tem este prêmio, mas se tiver um único peso espanhol, um único dólar, um euro, eu vou dar este dinheiro para o programa Fome Zero. Porque eu só ganhei o prêmio porque sou presidente do Brasil, se não fosse presidente eu não teria ganho nada. Então, eu acho que o povo é que merece o prêmio e nós vamos fazer a doação para o programa Fome Zero.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olha, se você quer saber, eu gosto, mesmo é da Dona Marisa Letícia Lula da Silva.

Veja, o fato de nós sermos pessoas com pensamento ideológico diferente não implica que nós não sejamos civilizados ao ponto de nos entendermos em assuntos que interessam aos nossos países. Nós governamos o Brasil com o pensamento na melhoria da qualidade de vida do nosso povo. Nós sabemos a importância que têm os Estados Unidos na sua relação cultural, comercial, econômica, de investimentos com o Brasil. E queremos trabalhar isso com muito carinho, porque os Estados Unidos são o nosso maior parceiro individual há muitos anos e nós queremos aumentar essa relação e participação.

Da mesma forma que eu acredito que o Presidente Bush esteja vendo no Brasil um parceiro importante, não apenas nas questões econômicas mas, também, no combate ao narcotráfico e ao terrorismo. Ele sabe o peso que o Brasil tem na manutenção da paz na América do Sul, na tranquilidade de



nossas relações internacionais. Por isso nós nos damos bem. Não é uma relação apenas pessoal, é uma relação de dois chefes de Estado que representam interesses muito importantes do povo de seus países. É isso que nos move e é isso que vai fazer com que a gente possa trabalhar com muito carinho. Eu, particularmente, estou convencido de que nós temos as chances de fazer a mais perfeita relação Brasil e Estados Unidos. Eu trabalho com isso. E por que acredito nisso? Porque eu acredito na relação humana. Eu acredito que dois seres humanos, se eles forem sinceros em suas relações, se eles acreditarem naquilo que estão falando, se eles tiverem convicção de propósitos, as coisas podem ser muito melhores.

Nós construímos, em cinco meses, uma relação com a América do Sul que há muitos anos o Brasil não tinha, e a proximidade continua a mesma, ou seja, o Brasil sempre esteve próximo da América do Sul. Fazemos fronteira com quase todos os países, mas nós nunca tivemos a convicção de que a América do Sul era um parceiro importante. Eu aprendi na minha vida que, se quisermos dar palpite na casa dos outros, nós temos que, primeiro, consertar a nossa casa. Eu não posso ficar fazendo pregação de política exterior se eu não estiver bem com a Argentina, a Bolívia, o Uruguai, o Paraguai, o Peru, a Venezuela, a Colômbia, que são os meus vizinhos, que têm fronteiras com o meu país. Então, eu preciso cuidar disso para depois estender as nossas relações.

Por isso, tivemos reuniões de trabalho com todos os governos dos países da América do Sul, todos. E vejam que aconteceu uma coisa fantástica nessa relação humana: pela primeira vez, um presidente da República de um outro país foi convidado para participar de uma reunião de cúpula da Comunidade Andina. Eu sou o primeiro presidente estrangeiro à Comunidade Andina que está sendo convidado a participar de uma reunião. Isso não se chama outra coisa senão relação de confiança.

Eu sempre digo que o Brasil não quer ter uma relação hegemônica com os seus parceiros. O Brasil quer ter uma relação de parceria. E cabe ao país



que é maior, que tem uma economia mais forte, ter generosidade no trato com os seus parceiros mais frágeis. Eu disse ao Presidente Bush que a gente aprende isso numa luta de boxe. O boxeador que nocauteia o outro é o que tem que ter a humildade de ir lá e abraçar aquele que está caído. Na relação política é a mesma coisa: aqueles que são mais fortes na economia, aqueles que têm mais força política é que precisam ter generosidade com aqueles mais frágeis, até porque cabe a nós fazermos um esforço para que todos comecem a ter oportunidade.

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: Então, eu acho que precisaríamos perguntar a algum analista. Essa coisa de “química” eu não entendo bem.

Vejam, o que eu acho é que, possivelmente, a “química” seja resultado do momento político que vive o mundo. O mundo está cada vez mais complicado. As economias, embora se fale muito do livre comércio no mundo, estão ficando cada vez mais fechadas e cada um está cuidando mais dos seus interesses internos. Os países emergentes e os países pobres estão cada vez com mais dificuldade de fazer com que a competitividade seja efetivamente livre.

O Brasil tem interesses nessas relações porque o Brasil é competitivo em algumas áreas e, portanto, queremos discutir com os Estados Unidos, com a União Européia, para que tenhamos uma relação comercial de total liberdade mesmo.

Nós entendemos que um país com o tamanho e com o potencial do Brasil tem que estreitar a sua relação com a China, com a Índia, com a Rússia, com a África do Sul, com a Argélia. Nós não temos mais que ficar esperando que alguém nos procure. Nós é que vamos procurar.

Ora, na medida em que o Presidente Bush começa a ter uma preocupação de estabelecer um discurso com uma visão mais social,



preocupado em ajudar no desenvolvimento dos países da América do Sul... Eu já tinha discutido isso com ele, no dia 10 de dezembro; depois, tive a oportunidade de discutir em Evian e voltei a discutir porque acho que o Brasil joga um papel importante neste momento político e econômico que está vivendo o mundo. E nós não vamos perder essa oportunidade de fazer valer os interesses dos países emergentes, disputando espaços de competitividade, espaços políticos.

Eu disse ao Presidente Bush que o Brasil tem interesse que haja mudanças substanciais nos organismos multilaterais como a ONU. E disse ao Presidente Bush que o Brasil está pleiteando o direito de ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. Obviamente, eu disse isso e não esperava dele uma afirmação, “sim” ou “não”, neste dia de hoje. Mas penso que ele vai fazer uma reflexão, porque já temos o apoio de muita gente no mundo e achamos que o Brasil não pode ficar de fora, não só porque é o maior país da América do Sul, mas porque tem o apoio de todos os países da América do Sul.

Porta-voz: Só um minutinho. Vou dar a palavra a você e à colega, ali atrás, mas nós vamos ter que encerrar (...). Por favor.

Jornalista: Como foi essa conversa da integração física da América do Sul e qual foi a resposta do Presidente Bush? Como os Estados Unidos poderiam colaborar com essa integração física?

Presidente: Olhem, eu acredito que vão colaborar. Não vim para cá achando que, numa reunião de duas horas e meia, eu iria ter definido tudo aquilo que acho interessante.

O dado concreto e objetivo é que durante décadas e, por que não dizer, durante séculos, falou-se de uma integração da América do Sul ou uma integração da América Latina, de uma forma muito paternalista ou



sentimentalista. A integração pressupõe o quê? Integração pressupõe que haja o direito de ir e vir das pessoas que moram nos mais diferentes países. Você não tem integração sem pontes, sem estradas, sem ferrovias, sem vôos diários de um país para outro país, até porque os homens de negócios, os políticos, têm que se locomover de uma hora para outra.

Do jeito que estamos hoje, alguém de um país africano, para ir ao Brasil, tem que ir a Paris para pegar o avião. Ele já aproveita e faz negócios em Paris. Por que vai ao Brasil? Muitas vezes, alguém da América do Sul, para ir ao Brasil, tem que ir a Miami. Já aproveita e faz negócios em Miami. Por que ir ao Brasil?

Então, nós dissemos ao Presidente Bush: temos discutido com todos os países da América do Sul que nós só vamos crescer economicamente do jeito que nós sonhamos em crescer, na hora em que tivermos uma integração física, na hora em que tivermos as pontes necessárias, as estradas necessárias, as ferrovias necessárias e tivermos, pelo menos, vôos diários, para que a gente possa ver as nossas mulheres, os nossos homens de negócios viajando de um país para o outro. E disse ao Presidente Bush que os Estados Unidos têm um papel importante nisso, até porque acredito que há empresas importantes nos Estados Unidos que gostariam de participar desse projeto de infra-estrutura.

E nós vamos continuar discutindo com outros países a necessidade de ajudar para que haja esse processo de integração. Até porque, quanto mais crescer a economia brasileira, quanto mais crescer a economia argentina, quanto mais crescer a economia da Bolívia, do Peru, da Venezuela, do Paraguai, do Uruguai, mais consumidores nós teremos, não apenas para os nossos produtos, mas para os produtos americanos, para os produtos europeus, para os produtos de outros países.

Essa é a idéia com que nós estamos trabalhando, com muita, muita ousadia mesmo.

Eu dizia, quando tomei posse, que eu iria cuidar, com muito carinho, da nossa política de comércio exterior. E comecei escolhendo o Roberto



Rodrigues e o Furlan para a agricultura e o desenvolvimento, que é para a gente não perder tempo. Não tem ninguém no mundo preocupado com as crianças que estão passando fome no Brasil. Quem tem que se preocupar somos nós. E se nós temos essa preocupação, nós é que temos que sair pelo mundo procurando solução para parte de nossos problemas.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olha, antes de falar da Venezuela, só quero lembrar que, numa reunião como esta de hoje, o importante é que ela não morra com a volta do Presidente Lula para o Brasil, porque nós criamos várias comissões de trabalho com os nossos ministros que vão, junto com muitos americanos e muitos brasileiros, continuar as reuniões. Nós temos interesses no trabalho, na agricultura, no meio ambiente, na indústria e no comércio exterior, na saúde. Nós temos interesses extraordinários.

Eu vou dar um exemplo na questão do turismo. Eu não tinha nenhum fio de barba branca e ouvia dizer que o Brasil é um país extraordinário, o mais lindo do mundo, com um potencial turístico fantástico. Entretanto, o Uruguai, que é um país pequeno, de quatro milhões de habitantes, tem mais turistas que o Brasil. Não adianta o Brasil ter todas as coisas bonitas se nós não mostrarmos ao mundo o que o Brasil tem. O Brasil não é só o carnaval, não é só futebol e não é só criança de rua. O Brasil tem um comércio, um turismo de negócio como poucos países no mundo têm. O Brasil tem turismo ambiental como poucos países têm. O Brasil tem turismo de praia como poucos países do mundo têm. Agora, nós é que temos que mostrar, nós é que temos que viajar ao mundo dizendo: olhem, o Brasil tem isso, tem isso, tem isso. Não podemos ficar esperando que as pessoas adivinhem o que o Brasil tem ou que outro país faça propaganda do turismo brasileiro. Nós é que temos que ter esse interesse.

Em relação à Venezuela, eu acho que nós já demos uma contribuição



importante. Ninguém pode esquecer que fomos nós que propusemos a constituição do grupo de amigos, de que fazem parte o Brasil, Estados Unidos, Espanha, Chile e Portugal. Que fomos nós que trabalhamos com muito carinho para que a própria OEA, através do Gaviria, trabalhasse com o objetivo de encontrar um caminho de a Venezuela voltar à normalidade. Eu acho que o acordo que o Presidente fez com a oposição, agora, é um passo muito importante. Agora, o que nós precisamos, também, é ter paciência com os problemas dos outros países. Nós não podemos exigir que cada país tenha o mesmo comportamento que o nosso se a realidade deles é diferente. E nós temos essa convicção, o próprio Presidente Bush reconheceu o sucesso da operação de tranquilidade política e democrática na Venezuela.

Nós queremos ajudar a Colômbia a encontrar uma solução para os seus problemas. Por isso é que, na cidade de Cuzco, no encontro do Grupo do Rio, nós propusemos que a ONU assumisse a responsabilidade de começar a discutir a paz na Colômbia. E o Brasil tem interesse porque tem fronteira com a Colômbia. Eu acho que a Venezuela vai encontrar o seu caminho com a maior tranquilidade. Nós não temos o direito, em política, de criar inimigos onde não existem inimigos. Eu acho que o Presidente Hugo Chávez tem problemas enormes na Venezuela para resolver, mas acho que ele está imbuído do desejo de resolvê-los. E acho que, em tudo que Estados Unidos, Brasil e outros países puderem colaborar, temos que colaborar. Porque o que interessa para nós é o fortalecimento da democracia no nosso continente.

No mais, eu quero agradecer a vocês, e até o próximo encontro.